

# Cena

v. 44, nº 2, maio - ago 2026

**Envelhecimento e Transgressão: gênero, sexualidade e reinvenção de si na cena contemporânea**

**Aging and Transgression: Gender, Sexuality, and Self-Reinvention in the Contemporary Scene**

Gustavo de Oliveira Duarte<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0003-0358-4171>

Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Santa Maria/RS, Brasil

E-mail: guto.esef@gmail.com

---

<sup>1</sup> Gustavo de Oliveira Duarte é bailarino e coreógrafo. É professor do Curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), RS. Pós-Doutor em Dança (UFBA), Mestre (UFSM) e Doutor em Educação (UFRGS). Coordenador do Laboratório de Improvisação e Coreografia (LICOR). Orientador do Mestrado em Gerontologia e da Especialização em Estudos de Gênero da UFSM.

**Resumo:** O presente artigo apresenta o resultado de pesquisas em dança acerca de seus entrecruzamentos com as questões de gênero, sexualidade e o processo de envelhecimento. As obras foram desenvolvidas junto ao Laboratório de Improvisação e Coreografia (LICOR), do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) vinculados ao Curso de Dança Licenciatura, no período de 2020 a 2025. A perspectiva pós-estruturalista de educação e arte, sob a ótica foucaultiana, os estudos de masculinidades e o olhar da gerontologia social embasaram a escrita. As obras “Plutônico” (2020), “Homem com G” (2021) e “Sua Santidade: a Santa Idade” (2025) foram construídas a partir de registros autobiográficos e referências de artistas nacionais como Ney Matogrosso, Madame Satã e Clovis Bornay. O processo de construção das cenas foi delineado a partir de processos colaborativos com artistas visuais por meio de vídeos e imagens. As criações artísticas apontaram a presença de temáticas como religiosidade, ironia, transgressão, envelhecimento e reinvenção de si. Aliar a militância LGBTQIAPN+ com a produção acadêmica em dança, por meio da compreensão do ativismo e de uma ética bixa, mostrou-se potente na criação e na circulação das obras, no combate ao etarismo, bem como no trabalho colaborativo com Artistas Visuais.

**Palavras-chave:** Dança. Envelhecimento. Masculinidades. Sexualidade.

**Abstract:** This article presents the results of dance research exploring its intersections with issues of gender, sexuality, and the aging process. The works were developed within the Laboratory of Improvisation and Choreography (LICOR) at the Center for Physical Education and Sports of the Federal University of Santa Maria (UFSM), in connection with the Dance Teaching Degree Program, between 2020 and 2025. The writing is grounded in a post-structuralist perspective on education and art, through a Foucauldian lens, masculinity studies, and insights from social gerontology. The works Plutônico (2020), Homem com G (2021), and Sua Santidade: a Santa Idade (2025) were built from autobiographical records and references to Brazilian artists such as Ney Matogrosso, Madame Satã, and Clovis Bornay. The process of creating the scenes was shaped through collaborative processes with visual artists using videos and images. The artistic creations highlighted themes such as religiosity, irony, transgression, aging, and self-reinvention. Bridging LGBTQIAPN+ activism with academic dance production — through an understanding of activism and a queer ethic — proved to be powerful in the creation and circulation of the works, in the fight against ageism, as well as in collaborative work with visual artists.

**Keywords:** Aging. Dance. Masculinities. Sexuality.

## Demarcando o contexto

Este texto é parte de um grupo de ações de pesquisas realizadas a partir dos Cursos de Dança, Licenciatura, e dos Cursos de Educação Física, Licenciatura e Bacharelado, do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), situado no interior do Rio Grande do Sul. A pesquisa “Envelhecer com Arte” buscou compreender os limites e as possibilidades de envelhecer dançando, a partir de uma perspectiva contemporânea de dança, vinculada aos estudos de Gênero e Sexualidade, sob o recorte das Masculinidades, no período de 2020 a 2025. Os trabalhos aqui apresentados fazem parte das ações do Laboratório de Improvisação e Coreografia (LICOR), da UFSM. Nesta perspectiva, esta produção discursiva assume uma posição que propõe um diálogo entre Arte e ativismo a partir da compreensão de “Artivismo”, conceito criado pelo professor da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Leandro Colling (2017).

Assim, os processos de criação artística e de construção de corpo para a cena, se dão no sentido de problematizar e contestar formas de regulação e opressão de corpos que escapam à norma tradicional e/ou que vivem nas fronteiras, historicamente perseguidos, invisibilizados, marginalizados (Louro, 1999, 2000). O texto também busca problematizar e refletir acerca dos modos de construir e de apontar novas possibilidades de existência, e de resistência, a partir do conceito de “cuidado de si” e da compreensão da ética de Michel Foucault, orientada por uma perspectiva pós-estruturalista, em diálogo e em relação à cultura da população LGBTQIAPN+<sup>2</sup> brasileira (Duarte, 2013; 2019).

Uma questão relevante ao tratar da articulação entre Dança e o processo de envelhecimento e a fase da velhice é demarcar e diferenciar as pessoas, e o público em geral, acima dos quarenta ou sessenta anos, que começam a vivenciar a dança de maneira recreativa, como atividade física ou por orientação médica, do contexto de vida de bailarinos/as e/ou professores /as de dança que estão envelhecendo, e de seus atravessamentos possíveis, e que continuam dançando artisticamente. Este texto refere-se a este segundo grupo de sujeitos, ou seja, propõe uma reflexão acerca de compreender os atravessamentos ou mudanças no/do corpo de artistas da dança que envelhecem dançando, bem como seus respectivos processos de criação artística e concepção cênica.

A partir de uma compreensão crítica de Arte, de Educação e de um paradigma qualitativo de pesquisa, sob a ótica foucaultiana, metodologicamente os trabalhos aqui apresentados resultam de processos Autobiográficos que tematizaram a centralidade do processo de envelhecimento na construção de cenas e performances de dança. A relação colaborativa com artistas das Artes Visuais e registros de diário de processo das pesquisas destacam a materialidade das cenas entre diálogos e escritas. A relação entre vida de arte, exercícios de improvisação, espírito lúdico, ironia e provocação, além da colaboração de outras técnicas como Fotografia, Cinema e Teatro (Glusberg, 2013) deram sustentação às obras aqui apresentadas. A centralidade dos processos criativos se deu no entrecruzamento das questões de Gênero e Sexualidade, dos Estudos Gays e Lésbicos e da Teoria *Queer* (Miskolci, 2016) com os estudos da área da Gerontologia brasileira, a qual estuda o processo do envelhecer, não somente a fase da velhice (Debert, 1999). Neste sentido compreendo os sujeitos a partir de identidades múltiplas, plurais, não fixas e, portanto, que podem se transformar e até mesmo mostrar-se contraditórias (Louro, 1999). A orientação deste cenário epistemológico privilegia a centralidade da linguagem a partir da produção das relações que a cultura pode estabelecer entre corpo, sujeito, conhecimento e poder. O corpo, neste sentido, é compreendido como um construto sociocultural e linguístico, produto e efeito de relações de poder (Meyer, 2003), ou seja, o corpo também é construído pela linguagem.

As questões de criação em dança foram registradas em um Diário de Campo ou Diário de processo que tematizaram eixos como Religiosidade/Espiritualidade; Masculinidades, Envelhecer, Desejo, Proibições, Transgressão e Resistência. Transgressão no sentido de ampliar, negar e/ou subverter a norma — a partir da concepção de Michel Foucault — as regras sociais e as hierarquias tradicionalmente construídas sobre homem-mulher, jovem-velho, ativo-passivo. Transgressão no sentido, inclusive, de inventar outros acordos e possibilidades de existir, de resistir, de sobreviver. O diálogo com artistas das Artes Visuais na composição das obras foi fundamental na criação colaborativa, bem como no levantamento de trabalhos publicados que tematizaram as relações entre Dança e envelhecimento.

---

2 A sigla LGBTQIAPN+ representa a diversidade de orientações sexuais e de identidades de gênero, incluindo lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, *queer*, intersexo, assexuais, pansexuais e pessoas não-binárias e, ainda, outras siglas que são incluídas pelo “+”.

## Envelhecer dançando

O mundo e o Brasil estão envelhecendo. Os dados do Instituto de Geografia e Estatística (IBGE) e da Organização Mundial da Saúde (OMS) confirmam este fenômeno mundial. O contexto brasileiro, sobretudo, vem se transformando de maneira rápida e sem uma preparação e organização política e social prévias. Ao mesmo tempo, o número de nascimentos diminuiu e a expectativa de vida aumentou. O avanço das Ciências da Saúde e dos recursos tecnológicos contribuíram decisivamente para esta mudança de cenário. A proporção de pessoas acima dos sessenta anos só aumenta e segue em ritmo acelerado. Se a Previdência Social e o Ministério do Trabalho não estão preparados para tratar esta questão tão complexa e multidimensional como o envelhecimento, eu pergunto: “A área das Artes e a Dança estão preparadas? Como se dão os processos artísticos na Dança, como área de conhecimento, com o passar do tempo? Quando se começa a envelhecer e a ficar velho/a, na Dança? O que podem os corpos, ao envelhecerem em cena?”

Ao investigar as experiências artísticas de corpos maduros no Sul do Brasil, Daniela Castro (2022) explora e tematiza relevantes questões sobre envelhecer dançando, principalmente com a maioria das produções artísticas voltadas para bailarinos jovens. Ao pesquisar diferentes Grupos e Companhias de dança com bailarinos acima dos quarenta anos, a autora chama a atenção para a mudança de ênfase na dança cênica: do virtuosismo ocidental hegemônico para a dramaturgia e expressividade que somente os corpos maduros podem apresentar. Assim, a

criação em dança alicerçada nessas percepções possibilita aflorar outros dançares, a partir de movimentações próprias que surgem ao longo dos processos criativos. Então o corpo biológico passa a não ser o mais importante, mas sim a compreensão subjetiva da própria existência que surge como resultado (Castro, 2022, p. 81).

Ao envelhecer dançando, o corpo por si só não basta, ou em outras palavras: corpos maduros na dança aprofundam a relação e o diálogo com elementos cênicos e, também, com outras artes como as Artes Visuais, o Teatro e a Música. As obras destacadas neste artigo: *Plutônico*, *Homem com G* e *Sua Santidade: a Santa Idade* reforçam, de alguma maneira este pensamento.

A dança se modifica, passando a construir uma maior interação com outras artes, como o teatro e a música, torna-se mais expressiva e menos performática, utilizando menos pernas altas ou grandes giros, porém com todo o requinte do movimento que foi sendo adquirido ao longo dos anos. (Castro, 2022, p. 111)

No processo do envelhecer, a necessidade de expressar-se parece aumentar, é como se, ao envelhecermos, o que não conseguimos dizer em palavras, (será porque as pessoas na contemporaneidade, não têm mais tempo e/ou não querem ouvir o que os velhos têm a dizer?) dizemos no/com o corpo, isto é, dançamos. Leques, saias e colares, assim como um investimento e atenção maiores aos cenários foram centrais nas composições coreográficas apresentadas a seguir. Novas e outras percepções de si mesmo são potencializadas com o passar do tempo, não somente as mudanças físicas ou as limitações, mas as próprias percepções de mundo, de prazeres, desejos e de desafios, proibições. Se estamos envelhecendo, se já estamos/somos velhos, então tudo é permitido, eu ousaria a dizer, por isso a construção das cenas dançantes mudam, se ressignificam. A proximidade com a morte e a finitude interfere no dançar maduro de modo a abrir e aprofundar possibilidades criativas. O envolvimento com propostas que promovam ou que provoquem diferentes percepções de si e sobre diferentes subjetividades deve ser o objetivo de uma pedagogia da diversidade, caminho apontado para a dança com corpos maduros (Castro, 2022).

Em pesquisa realizada em Salvador/BA (Duarte, 2019), com bailarinos homossexuais masculinos, vários foram os desafios apontados. O quadro complexifica-se quando o envelhecimento homossexual masculino apresenta como pano de fundo os centros urbanos e as metrópoles, onde na chamada “cultura gay masculina” impera o interesse da beleza e juventude dos atributos físicos, da moda e de um mercado sexual hierarquizado (Simões, 2004). Este autor reflete ainda sobre o aparecimento do que chama de “envelhecimento precoce” atribuído aos gays na faixa dos 30 a 40 anos de idade onde começam a enfrentar e a sofrer a crise do envelhecimento. Além da rotina das aulas regulares vários bailarinos acabaram buscando outras técnicas de movimento e de dança por conta própria a fim de aprimorar e complementar a manutenção do trabalho corporal na dança. Alguns deles buscam, também, desenvolver um trabalho próprio e diferenciado de preparação física na dança de modo a evitar lesões e manter-se, qualitativamente, por mais tempo na cena. A pesquisa apontou que o avanço da idade pode trazer a chamada maturidade cênica, a famosa “presença”. A potência física e a virtuosidade passam a ficar em segundo plano. À medida que os bailarinos envelhecem, o virtuosismo perde a ênfase e a dramaturgia ganha a centralidade na cena. A fase dos trinta aos quarenta anos foi apontada como o período mais pleno e vigoroso da vida dos bailarinos. Enquanto que a fase que exige maiores adaptações, o enfrentamento de crises, rupturas e escolhas se deu no período que compreende dos quarenta aos cinquenta anos (Duarte, 2019).

### **Sou bixa porque eu quero - Plutônico (2020)**

Corpo que dança. Corpo que envelhece. A famosa crise da chamada “meia-idade” chegou antes e permaneceu depois dos quarenta e ela precisava se fazer corpo, extravasar, denunciar, gozar, debochar, reinventar, ressignificar, desconstruir, denunciar. Marcas do corpo, marcas de poder (Louro, 1999). É neste contexto de vida e de pandemia, de quarentena e de um contexto político caótico no Brasil que surge a criação Plutônico. Dançar dentro e na/com a casa, no ambiente doméstico, caseiro, sem grandes produções, que nasceu Plutônico. Fazer do espaço privado um palco, adaptar, gritar para que o silêncio não sufoque, dançar para não morrer. Renascer. Drama. Dramaturgia. Poesia em movimento. Plutônico habita a fronteira, transita, está em e entre trânsitos (im)possíveis como (homo)Sexualidade(s), espiritualidade de matriz Africana, tango e astrologia. As coisas de homem brincam com as coisas do cosmos, do céu e da terra. O tambor chama e alerta nossas raízes gaúchas e brasileiras de modo a destacar nossas dores e amores. Somos instantes e a vida é um sopro, as ancestralidades africana e cigana nos amparam das inevitáveis quedas e recomeços e Oxum nos cobre de ouro, da vaidade que salva e alimenta nossas raízes e asas. Cuidar de si é cuidar do outro. Conforme Guacira Louro (1999) a vivência da sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções, ou seja, foi e é construída em processos culturais, portanto plurais.

Dando continuidade aos estudos acerca das pedagogias do corpo e da sexualidade, interessou-nos explorar as articulações de corpo a partir de suas marcas, de seus atributos identitários como gênero, sexualidade, geração, raça/etnia, entre outros (Weeks, 1999). O referido autor compreende a sexualidade como um fenômeno social e histórico que ultrapassa a dimensão biológica uma vez que envolve um grande número de conjuntos de crenças, ideologias e imaginários em relação ao processo de controle e regulação social dos corpos, tanto em ambientes públicos quanto privados. *Plutônico* borra e propõe um atravessamento das fronteiras entre o masculino e o feminino culturalmente construídos, sobretudo na sociedade brasileira e no contexto gaúcho, interior do RS, ultra conservador. Uma saia longa, vermelho sangue, e um chapéu “de malandro” são os adereços principais em cena. A personagem do filme brasileiro “Madame Satã” (Brasil, Drama, 2002) lindamente interpretado por Lázaro Ramos foi uma das inspirações. Política do entre. Entre armários e gavetas, eu danço. Entre fronteiras.

**Figura 1** – Ajoelhou tem que dançar.



Fotografia: Valdemir Oliveira.

O cantor brasileiro Ney Matogrosso, prestes a completar oitenta e cinco anos de idade, leonino, também foi uma das inspirações para a criação de *Plutônico*. Mesmo sem levantar qualquer tipo de bandeira pela comunidade LGBTQIAPN+, sua obra reflete sua postura de contestação e de busca por uma liberdade corporal em relação à norma estabelecida e padrões do gênero e da sexualidade. Ney já fez *strip-tease* no palco, joga e seduz o público com sua gestualidade e dança características ao usar figurinos provocadores e sensuais, além de maquiagens extravagantes e fora do padrão heteronormativo. Podemos compreender que a imagem cênica de Ney não é a da estética corporal do mundo gay contemporâneo (subcultura homossexual formatada das chamadas barbies saradas e depiladas), pelo contrário, ele mantém seus pelos corporais e barba e mistura vários elementos e figurinos pertencentes ao padrão feminino como lenços, botas, calças justas, adereços, muito brilho, design e bijuterias. Ney transita, vive na fronteira e isso interessou à configuração do *Plutônico*. Praticamente uma carnavalização do corpo em cena. Ney é a própria bandeira, como ele mesmo afirmou.

**Figura 2 – Às/Aos mais velhas/os.**



Fotografia: Valdemir Oliveira.

Plutônico pode ser o que ele quiser, em qualquer lugar, desde que à noite, quando encontra seus pares. Sua dança inventa um lugar outro, onde se pode ser, um vir-a-ser, uma heterotopia<sup>3</sup> possível (Foucault, 2013). Uma micropolítica do aqui e agora, não há tempo a esperar, a perder. Depois dos quarenta, depois do inverno, depois que a pandemia passar. Corpo que dança e envelhece. Barriga, calvície e a perna que não sobe mais. Escancara o corpo, assume, aceita. Plutônico. Dance o que puder, seja Plutônico. Plutão, na Astrologia, pode fazer uma revolução, uma desconstrução, (re)construção e outras coisas, formas outras de mover, de perceber, de assumir e de dançar. A dança de um corpo gay velho, envelhecido. Nossa heterotopia passa por uma erótica do envelhecer (Duarte, 2019).

Assim, *Plutônico* filia-se e foi concebido a partir da potência do conceito de “Artivismo” (Colling, 2017) onde Arte e ativismo podem andar “(...) de mãos dadas na construção da politização da abjeção e de uma crítica ao enquadramento normativo dos gêneros e das sexualidades” (Sant’Ana, p. 23, 2017). Um Artivismo das dissidências sexuais e de gênero pretende problematizar as questões do corpo e das normatizações e hierarquias, opressoras, relacionadas às compreensões do masculino e do feminino, da fronteira, do entre lugar e do não lugar em produções da Arte, neste caso, da Dança. Djalma Thürler e colaboradores (2017) se referem ao Artivismo como o potencial e a ênfase da Arte como protesto, seja dentro ou fora do contexto acadêmico. Seu interesse é contextualizar artistas e coletivos que resistem e combatem às normas padronizadas e borram fronteiras de modo a alimentar a cena contemporânea de enfrentamentos tanto às questões de gênero e à sexualidade como às lutas sociais em geral, sobretudo na América Latina.

---

3 Heterotopias, sob a ótica do filósofo francês Michel Foucault, referem-se a “espaços outros”, - locais reais e concretos que funcionam como contraespaços, onde as normas da sociedade são suspensas, neutralizadas ou invertidas. Diferentes das utopias (lugares irreais), as heterotopias existem fisicamente como prisões, cemitérios, teatros, museus ou bordéis, operando suas próprias regras.

**Figura 3 – O corpo sussurra, envelhece e goza.**



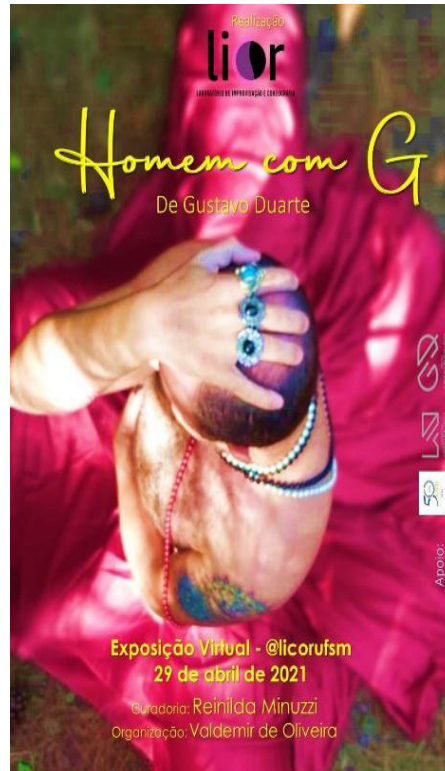
Fotografia: Valdemir Oliveira.

Em todas as vezes eu exibi o vídeo de *Plutônico* em sala de aula, foi nítido o desconforto de alguns alunos, sobretudo os homens, acerca da obra. A maioria afirmou que era a primeira vez que assistia a um bailarino “velho” e tão “exibido” em cena, pelo menos no Rio Grande do Sul. Destaca-se: estou situado no interior do Estado. A Arte/Dança a partir de um olhar transgressor, com ênfase em questões sociais e papel pedagógico não é tão conhecida? Oremos. Batuquemos. Dancemos! Não voltaremos para os armários, (Sedgwick, 2007).

### **Meu Homem com G (2021)**

Ainda em contexto pandêmico, devido à pandemia de COVID-19, a partir de outro trabalho colaborativo com o artista virtual Valdemir de Oliveira, da Universidade Estadual do Amazonas (UEA/AM), realizamos a exposição virtual: *Homem com G*, com direta inspiração no cantor brasileiro Ney Matogrosso, desde sua participação no grupo Secos e Molhados, no início de sua carreira. Do seu Homem com H, me fiz com G: de Gustavo, gay, gordo, gaúcho... velho! As fotos da exposição foram divulgadas no *Instagram* (rede social norte-americana) do LICOR – Laboratório de Improvisação e Coreografia (@licorufsm), o qual coordeno. A curadoria foi da Professora Dra. Reinilda Minuzzi, do Centro de Artes e Letras da UFSM. Em suas palavras ela destaca: “Ao fluir em cada um destes lugares emergidos de uma heterotopia própria, o conjunto composto abre-nos um glossário de possibilidades, em uma gama a germinar infindáveis devires. Nestas, o olhar incursiona por subjetividades do corpóreo, remetendo a questão de religiosidade, espiritualidade, sexualidade, tradição, envelhecimento”.

**Figura 4** – Cartaz da Exposição Homem com G (2021).



Fotografia: Valdemir Oliveira.

Bixa gorda e gostosa? Bixa religiosa? Por que ainda há tantos estranhamentos? Gays maduros são fadados ao abandono, à solidão? Os prazeres só vêm depois do dinheiro ou favores materiais? Brechas e fissuras da norma são respiros do sobreviver. Gaúchos gays empoderados? O hibridismo identitário pede voz, pede corpos outros, pede passagem.

**Figura 5** – Saia-vira-véu-vira-proteção.



Fotografia: Valdemir Oliveira.

Masculinidades (im)possíveis? Envelhecer e engordar, enfrentar a calvície, as rugas, expor-se, despir-se, seguir dançando. Resistir para existir. Ao colocar em jogo e na cena

forças discursivas na dramaturgia do corpo, este trabalho buscou “(...) reinventar a si mesmo, porque não se trata de sair da crise, mas de alcançá-la de modo crítico e paródico, poético em que o eu se refunda” (Thürler et al., p. 27, 2017).

**Figura 6 – Santo gaúcho.**



Fotografia: Valdemir Oliveira.

Uma exposição virtual, no *Instagram* do laboratório mesmo (@licor), foi isso que deu para fazer no meio do caos, da depressão e do isolamento da pandemia de Covid-19. Assumir a calvície e o sobrepeso foi libertador. Fui um Homem com G. Como citado anteriormente, à medida que se envelhece, somente o corpo não basta, na Dança. Saia, colares, flores, anéis dão forma e potência à criação e movimentam a cena. Homem com G “baixa”, se estabelece, me fortaleceu. Sempre que preciso, invoco, meu Homem com G.

Ao contrário de Plutônico, Homem com G teve uma aceitação e circulação nas redes sociais muito boa, não causou nenhum estranhamento, pelo contrário. A grande maioria de curtidas e comentários foram de jovens bailarinos e da classe artística. Homem com G foi mais “leve” que Plutônico, ainda que a dimensão política de corpos diversos tenha sido a mesma. Talvez os figurinos e os adereços tenham “escondido” o corpo velho e gay? Não tenho como afirmar. O corpo mais vistoso, envaidecido captou o público. Será?

### **Cinquentei - Sua Santidade: a Santa Idade (2025)**

Novamente uma parceria com as Artes Visuais possibilitou a criação de Sua Santidade: a Santa Idade. Esta obra marcou meu cinquentenário, (1975-2025), por isso foi preciso dar maior ênfase na ironia, no sarcasmo, no deboche, enfim, em todas as características das obras anteriores. Quanto mais velho, mais exagero: aqui o menos não é mais. Esta é a primeira parceria com outro artista visual, o Luciano Santos, também da cidade de Santa Maria/RS. Ele criou esta entidade a partir de toda uma analogia com um desfile de carnaval – a carnavalização do Brasil, da carne, do próprio corpo. O primeiro produto foram fotoperformances com dois fotógrafos da cidade, de idades diferentes, tudo tematizando o tempo e a cronologia. Dartanhan Baldez, fotógrafo experiente, fez as fotos em preto e branco, Léo Roat, um jovem fotógrafo, as coloridas, tudo ao mesmo tempo, na mesma sessão de fotos, em um coletivo de artistas da cidade. O segundo produto artístico-acadêmico será uma

performance em evento sobre Dança e Envelhecimento, no final de 2025, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no interior gaúcho.

**Figura 7 – Gays, uni-vos!**



Fotografia: Dartanhan Baldez.

O processo criativo envolveu algumas reuniões junto ao Artista Visual e Curador da Exposição, Luciano Santos. A partir de *Plutônico* e de *Homem com G*, meus trabalhos anteriores, Luciano chegou a esta entidade empoderada, transgressora e debochada. Cinquentenária! É preciso muito humor e ironia para (re)existir na contemporaneidade: entre guerras, violências, falta de ética e de Direitos Humanos, somente uma entidade, um super-herói brasileiro, carnavalizado, para seguir em frente, envelhecendo sem baixar a cabeça, sem vitimismo. O conceito de “Artivismo” (Colling, 2017) e de uma “Ética bixa” (Vidarte, 2019) fundamentam a obra onde a militância do movimento LGBTQIAPN+ e a luta pelos Direitos dão a tônica da expressividade e da dramaturgia na composição artística. Quanto mais adereços, mais potência, mais força para enfrentar a LGBTfobia, as agressões, os olhares desconfiados, enfim, todos os desafios e a dupla vulnerabilidade que um corpo gay e velho enfrenta.

A seguir reproduzo o texto do criador e curador da obra, Luciano Santos.

Impávido colosso, o tempo desfila!  
Soberano absoluto. Onipresente.  
Ontem, hoje e amanhã; simultâneos e independentes.  
Rolo compressor que nos esmaga. Mão sabia que nos afaga!  
O tempo “ruge e a Sapucaí é longa”!  
Somos todos meros figurantes das alas de um desfile eterno!  
Quase sempre revoltos com sua passagem, as marcas na pele.  
Poucos são os que sabiamente não brigam com o senhor e, ao contrário de um senso comum, fazem amizade com Ele.  
Neste tempo de delírio, lá vem o abre-alas desse desfile frenético.  
Ele só vai, em TRAVESSIA.  
Peito aberto, armas em riste... a “santidade”, primeiro destaque se apresenta personificada, alegórica e inquietante.  
Primeiro ato: esse sou EU!  
SUA SANTIDADE: SANTA IDADE.  
Coroado. Santificado. Esse grande amigo do tempo e de seu tempo, traje de gala, quase um Bornay, desfila exuberante do alto de seu carro alegórico. Experiência, conhecimento e teimosia.  
Sua Santidade aí está!... No tempo do devir, quem sabe dançará? Encenará? Cantará?  
Não sabemos, por ora... apresenta-se!

**Figuras 8 – De cabo a rabo.**



Fotografia: Dartanhan Baldez.

**Figura 9 – A dona da porra toda.**



Fotografia: Léo Roat.

### **Considerações Finais**

Plutônico, Homem com G e Sua Santidade: a Santa Idade, minhas heterotopias possíveis (Foucault, 2013), buscaram denotar as articulações (im)possíveis entre a Dança, o processo de envelhecimento e as questões de Gênero e Sexualidade. A partir das contribuições do multiartista Ney Matogrosso, da figura de Madame Satã – homem negro que viveu no bairro da Lapa, do Rio de Janeiro, na década de cinquenta e de bailarinos contemporâneos da cidade de Salvador essa escrita foi possível. Como bailarino e professor

gaúcho, “É preciso estar atento e forte, não temos tempo de temer a morte...” como já contou a diva Gal Costa no período da Ditadura brasileira. Hoje enfrentamos a ditadura da magreza, da negação de parecer velho/a, da jovialidade a qualquer preço. Etarismo, idadismo, ageísmo? Tudo isso e mais um pouco, junto e misturado.

Retomo, portanto, algumas questões iniciais do texto: as Artes estão preparadas para o envelhecimento? A dança, de maneira especial, está preparada para a velhice? Eu acredito que ainda não, mas algumas brechas e fissuras foram possíveis pelo diálogo e colaboração entre artistas da Dança e das Artes Visuais, na cena artística do interior gaúcho, sobretudo. Nos currículos dos Cursos de Educação Física e de Dança da Universidade Federal de Santa Maria/RS, assim como no curso de Mestrado em Gerontologia, já existem disciplinas obrigatórias ou optativas que tratam das questões de Gênero, Sexualidade e Envelhecimento. É preciso sair de nossas zonas de conforto e nos desafiar a seguir criando, a seguir dançando enquanto envelhecemos. A “simples” discussão sobre o processo de envelhecimento e da fase da velhice no contexto universitário, em nossas aulas pode ser um começo potente para ampliar a visão de nossos alunos nas Universidades, a grande maioria, ainda, jovens e “carregados” de preconceitos. Editais específicos para a maturidade, para corpos acima dos quarenta anos e a criação e qualificação de políticas públicas para artistas, intérpretes-criadores, nessa faixa etária e/ou para espetáculos que abordem a temática podem configurar caminhos possíveis no nosso imenso e desigual Brasil.

A relação entre Performance e Educação (Icle, 2013), pode configurar-se um caminho produtivo seguir criando, dançando e contestando na Dança. É exatamente na Performance como linguagem artística híbrida que as cenas tomam forma nas fronteiras entre Teatro, Dança, Música, Artes Visuais. Plutônico, Homem com G e Sua Santidade: a Santa Idade buscaram, a seu modo, entre imagens e vídeos, demarcar seus rituais, experimentos, acontecimentos e potencial de intervenção na cena contemporânea gaúcha. Assim, Performance constitui-se como um modo de fazer, é uma invenção, é uma produção de si e dos outros. Plutônico partiu do planeta Plutão, da Astrologia; Homem com G do Homem com H, de Ney Matogrosso; e Sua Santidade: a Santa Idade da carnavalização de um corpo cinquentenário, que se pretende transgressor, na Dança.

É preciso se alinhar, mais do que nunca, à compreensão do filósofo espanhol Paco Vidarte (2019), pois precisamos urgentemente de proclamações libertárias para o movimento LGBTQIAPN+ onde seja possível imaginar um futuro melhor e mais solidário entre todos, onde possamos enviadecer e superar normas heteronormativas, etárias, eu complementaria. Essa ética bixa não se pretende um manual, uma cartilha, pelo contrário, indica a necessidade de construção de sociabilidades compartilhadas e singulares em seus respectivos contextos. Aqui fizemos o recorte entre a área das Artes e o processo de envelhecimento na dança. Esse pensamento defendido pelo autor busca combater normas e regras de toda a ordem, sobretudo uma ética alternativa das minorias (Vidarte, 2019), ou seja, aqui demarcamos a população LGBTQIAPN+ que envelhece e que pode, e deve, continuar em cena. Uma Ética bixa combate as opressões e privilégios de determinados contextos (heterossexualidade branca e jovem) e luta por uma revolução, uma emancipação contra os processos de exclusão e marginalização sociais. Que possamos seguir envelhecendo e dançando, de diferentes modos, com nossos corpos maduros, experientes, cansados, transgressores. Eu sigo com Arnaldo Antunes: “Eu quero viver para ver como é ser envelhecer...”

## Referências

CASTRO, Daniela Llopart. *Descortinando a dança no Sul do Brasil: maturidade em cena* [recurso eletrônico]. Salvador: Associação Nacional de Pesquisadores em Dança (ANDA), 2022.

COLLING, Leandro. Dossiê ativismo das dissidências sexuais e de gênero. *Revista CULT*, São Paulo, n. 226, p.18-19. 2017.

DEBERT, Guita G. A construção e a reconstrução da velhice: família, classe social e etnicidade. In: \_\_\_\_\_. *Velhice e Sociedade*. Campinas: Papirus, 1999.

DUARTE, Gustavo de Oliveira. Homens que dançam: sexualidades e envelhecimento na cena e na docência contemporânea. *Revista Educação, Artes e Inclusão*, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 106–126, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/12731>. Acesso em: 15 set. 2025.

DUARTE, Gustavo de Oliveira. *O “Bloco das Irenes”: articulação entre Amizade, Homossexualidade(s) e o processo de envelhecimento*. 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/71278/000879215.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 15 set. 2025.

FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico, as heterotopias*. Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo, 2013.

GLUSBERG, Jorge. *A arte da performance*. Tradução Renato Cohen. São Paulo: Perspectiva, 2013.

ICLE, Gilberto. Da performance na educação: perspectivas para a pesquisa e a prática. In: PEREIRA, Marcelo Andrade (org.). *Performance e educação: (des)territorializações pedagógicas*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

\_\_\_\_\_. *O corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e Teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MEYER, Dagmar E. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane F.; GOELLNER, Silvana V. (org.). *Corpo, Gênero e sexualidade – um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto, 2016. (Série Cadernos da Diversidade).

SANT’ANA, Tiago. Terceira Margem do Queer. Dossiê ativismo das dissidências sexuais e de gênero. *Revista CULT*, São Paulo, n. 226, p.18-19. 2017.

SEDGWICK, Eve. Kosofsky A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, Campinas, nº 28, p. 19-54, 2007.

SIMÕES, Júlio Assis. Homossexualidade masculina e Curso da Vida: pensando idades e identidades sexuais. In: CARRARA, Sérgio et al (org.). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

THÜRLER, Djalma; TRÓI, Marcelo de; GARCIA, Paulo Cesar. Outras cenas de enfrentamento, ontem e hoje. *Revista CULT*, São Paulo, n. 226, 2017.

VIDARTE, Paco. *Ética bixa: proclamações libertárias para uma militância LGBTQ*. Tradução Maria Helena Selenir Nunes dos Santos, Pablo Cardellino Soto. São Paulo: n-1 Edições, 2019.

WEEKS, Jeffrey. O Corpo e a Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte/Autêntica, 1999.

Recebido: 21/09/2025.

Aceito: 29/03/2026.

Aprovado para publicação: 26/04/2026.

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos de uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. Disponível em: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.

This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License 4.0 International. Available at: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.

Ce texte en libre accès est placé sous licence Creative Commons Attribution 4.0 International.



